

OUTRO PONTO DE VISTA: UMA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA FEMININA NO BRASIL (1960-1990)

OTRO PUNTO DE VISTA: UNA HISTORIOGRAFÍA LINGÜÍSTICA FEMENINA EN BRASIL
(1960-1990)

ANOTHER POINT OF VIEW: A FEMININE LINGUISTIC HISTORIOGRAPHY IN BRAZIL (1960-
1990)

Cristina Altman*

Julia Lourenço**

Universidade de São Paulo

RESUMO: Esta pesquisa aborda o ponto de vista das mulheres linguistas no período de surgimento da Linguística no Brasil como uma disciplina autônoma, organizada e institucionalizada em nossas Faculdades de Letras. Essa abordagem nos situa entre 1960 e 1990. Para delinear as hipóteses de pesquisa, este artigo procura estabelecer um diálogo entre os dados externos – o contexto da produção científica – e os dados internos – a orientação e o foco da pesquisa, por exemplo –, conforme proposto pela Historiografia Linguística. Essa metodologia inicia o delineamento de semelhanças e diferenças entre os textos dos articulistas homens e os textos das articulistas mulheres de cada período. Uma possibilidade de interpretação dos dados está na divisão do mundo do conhecimento entre sujeitos masculinos "teóricos e abstratos" e sujeitos femininos "mais concretos": uma abordagem que é reproduzida por linguistas "dentro" do campo das ciências da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia linguística. Mulheres na ciência. Linguística brasileira.

RESUMEN: Esta investigación aborda el punto de vista de las mujeres lingüistas en la época del surgimiento de la lingüística en Brasil como una disciplina autónoma, organizada e institucionalizada en nuestras Facultades de Letras. Este enfoque nos sitúa de lleno entre los años 1960 y 1990. Para esbozar las hipótesis de investigación, este artículo intenta establecer un diálogo entre los datos externos —el contexto de la producción científica— y los datos internos —la orientación y el corte de la investigación, por ejemplo— según la propuesta de la Historiografía Lingüística. Esa metodología inicia el rastreo de similitudes y diferencias entre los textos de los escritores hombres y los textos de las escritoras mujeres de cada período. Una posibilidad de interpretación de los datos reside en la división del mundo del conocimiento entre sujetos masculinos "teóricos y abstractos" y sujetos femeninos "más concretos": un abordaje que es reproducido por lingüistas "dentro" del campo de las ciencias del lenguaje.

PALABRAS CLAVE: Historiografía lingüística. Mujeres en la ciencia. Lingüística brasileña.

* Professora Titular do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: altman@usp.br.

** Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora de pós-doutorado na mesma instituição. E-mail: julialourenco@alumni.usp.br.

ABSTRACT: This research deals with the point of view of women linguists at the time of the emergence of linguistics in Brazil as an autonomous, organized and institutionalized discipline in our Faculties of Languages and Literature. This approach places us squarely between 1960 and 1990. In order to outline the research hypotheses, this article attempts to establish a dialogue between external data - the context of scientific production - and internal data - the orientation and focus of the research, for example - as proposed by linguistic historiography. This methodology initiates the tracing of similarities and differences between the texts of the male writers and the texts of the female writers of each period. One possibility of interpreting the data lies in the division of the world of knowledge between "theoretical and abstract" male subjects and "more concrete" female subjects: an approach that is reproduced by linguists "within" the field of language sciences.

KEYWORDS: Linguistic historiography. Women in science. Brazilian linguistics.

1 INTRODUÇÃO

No Centro de Documentação de Historiografia Linguística (CEDOCH) do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo é desenvolvida uma pesquisa, como parte de um projeto guarda-chuva intitulado *Em Primeira Pessoa do Singular e outras crônicas* (ALTMAN, 2020), que tem como objetivo central a elaboração de uma história da linguística no Brasil. Essa pesquisa ocupa-se do ponto de vista das mulheres linguistas na época do surgimento da linguística no país como uma disciplina autônoma, organizada e institucionalizada nas Faculdades de Letras. Tal abordagem nos situa diretamente entre 1960 e 1990. Ainda que a temática da participação pouco significativa das mulheres em vários campos, inclusive o científico, não seja novidade nem no mundo anglo-saxão ou europeu, tampouco no Brasil ou na América Latina¹ como um todo; ela apresenta alguns desafios.

O primeiro desafio que um projeto dessa natureza enfrenta é definir o tipo de historiografia a ser elaborada: uma historiografia linguística "ativista", *engagée*, no sentido de corrigir injustiças históricas, de buscar compensar a ausência de referências femininas nas histórias canônicas da linguística? Ou uma seleção das contribuições individuais e heroicas dessas mulheres para uma subdisciplina específica da linguística? Em ambos os casos, conforme assinalado por Altman e Lourenço (2023), embora necessários para começar a instituir a trajetória feminina no campo científico, corremos o risco (que assumimos provisoriamente) de avaliar o significado da participação feminina a partir de um mundo científico moldado por homens, por contingências históricas.

Para controlar, na medida do possível, esse viés inicial, decidimos examinar as (prováveis) diferenças de pontos de vista entre uma historiografia linguística feita e narrada por homens (a historiografia canônica) e outra, na qual as próprias pesquisadoras narrariam sua história em seus próprios termos, justificando a perspectiva da "primeira pessoa".

2 METODOLOGIA

2.1 PERIODIZAÇÃO

O período analisado por esta pesquisa compreende as décadas de 1960 a 1990, elegido por ser o momento em que duas orientações teóricas e metodológicas se "confrontaram" no contexto acadêmico brasileiro em termos de liderança acadêmica. Nesse período, a linguística passou a ditar as regras: organizando tanto o controle das instituições que promovem o conhecimento científico quanto a própria concepção do trabalho das ciências da linguagem e as tarefas de um(a) linguista.

2.2 MATERIAIS DE ANÁLISE

Em busca desse ponto de vista feminino "em seus próprios termos", esta pesquisa é principalmente constituída por documentos orais e periódicos.

¹ Citamos, brevemente, o projeto que é desenvolvido no âmbito da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) intitulado "Gênero e Historiografia de las Ciencias del lenguaje: Américas", coordenado por Cristina Altman e Julia Lourenço. Disponível em: <https://mundoalfal.org/proyectos/>

O primeiro tipo é composto por documentos orais: entrevistas, depoimentos, participação em mesas-redondas, conferências pela internet etc., de pesquisadoras brasileiras do período estudado (1960-1990), bem como correspondências, prefácios, epílogos, boletins informativos etc. Embora o material utilizado possa ser considerado marginal em relação à história "oficial", nossa hipótese é que esses materiais orais, em processo de coleta, nos fornecerão elementos para capturar uma narrativa feminina da história da linguística.

O segundo tipo de material é o periódico, que nos permite concentrar em um repertório importante de dados produzidos cientificamente (cf. KATZ, 1985), além de pressupor certa coincidência com o que é considerado relevante para a comunidade científica ou, pelo menos, a forma como evidenciamos essa relevância para uma área do conhecimento. Em outras palavras, um periódico é uma bússola para identificar as direções preferenciais tomadas por uma comunidade científica. Consideramos os seguintes periódicos como corpus representativo do mapeamento inicial da produção brasileira no período de 1960 a 1990:

	RESPONSÁVEL	PERÍODO	ATUAL	VOLS.	N ^{os.}	ARTIGOS	
Periódico	RBF	Acadêmica	1955-1961	não corrente	6	11	66 ⁵
	<i>Estudos</i>	CLA Yásigi	1966-1968	não corrente	3	6	21
	RBL	SBPL	1974-1984	não corrente	—	10	83
	CEL	IEL	1978-1988	corrente	—	15	140
	EL	UFMG	1978-1988	corrente	7	7	63
	D.E.L.T.A	ABRALIN ²	1995-1998	corrente	4	8	49
TOTAL						422	

Quadro 1: Síntese do material analisado.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Altman (2004).

Os seis (6) periódicos brasileiros apresentados nos quadros 1 e 2:

RBF = *Revista Brasileira de Filologia* (*RBF*). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica (1955-1961, 11 nos., não corrente). Dir.: Serafim da Silva Neto;

Estudos = *Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada* (*EL*). São Paulo: Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yásigi, (1966-1968, 6 nos., não corrente);

RBL = *Revista Brasileira de Linguística* (*RBL*). São Paulo: Sociedade Brasileira de Professores de Linguística (SBPL), (1974-1984, 10 nos., não corrente);

CEL = *Cadernos de Estudos Linguísticos* (*CEL*), Campinas: Departamento de Linguística da UNICAMP, (1978-1988, 15 nos., corrente);

EL = *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura — Ensaios de Linguística* (*EL*). Belo Horizonte: Dep. Linguística e Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG (1978-1988, 7 nos., corrente);

D.E.L.T.A. = *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo: Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), (1985-1988, 8 nos., corrente).

Esses dados, aqui retomados, estão publicados em Altman (2004), especificamente entre as páginas 323 e 353, e em Altman (2016; 2018), compondo um corpus de 356 artigos de pesquisa publicados em 5 revistas brasileiras de linguística entre 1960 e 1990, aproximadamente, aos quais acrescentamos (até o momento) 66 artigos publicados na década anterior, 1950, na *RBF*. O ponto de partida das análises foi observar as mudanças programáticas entre duas gerações de pesquisadores(as) que se percebiam como pertencentes a dois grupos diferentes de especialidades: filólogos e linguistas.

2.3 PARÂMETROS

Os parâmetros de análise usados são subdivididos em parâmetros internos e parâmetros externos. De um lado, nos parâmetros externos, foram considerados o gênero, a formação e a profissionalização dos(as) pesquisadores(as); de outro, nos parâmetros internos, os temas de pesquisa, o objeto material, o objeto formal e a orientação do estudo: descritiva, teórica, aplicado, histórica e metateórica (cf. ALTMAN, 2004; LOURENÇO, 2022). Apresentamos aqui, de forma resumida, apenas uma parte dos resultados, começando pelos quadros 2 e 3, que são uma seleção da amostra do material analisado.

O quadro 2, a seguir, baseia-se nos totais relativos à autoria dos textos publicados em cada uma das revistas científicas analisadas. Divididos em textos de articulistas homens e textos de articulistas mulheres, começamos a traçar um panorama inicial do gênero na linguística brasileira, com base nos parâmetros selecionados para esta pesquisa. Cada texto foi classificado de forma binária², ou seja, de autoria feminina ou masculina.

Periódico	Década (aprox.)	Articulistas		
		HOMENS	MULHERES	TOTAL (de artigos)
RBF	final 1950	63	3	66
<i>Estudos</i>	1960	14	7	21
RBL	1970	53	30	83
CEL	1980	82	58	140
EL	1980	20	43	63
D.E.L.T.A	final 1980	19	30	49
TOTAL		252	170	422

Quadro 2: Distribuição quantitativa dos textos de articulistas dos 6 periódicos analisados, organizados por gênero e por década.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Altman (2004)

Periódico	Década (aprox.)	Articulistas	
		HOMENS	MULHERES
RBF	final 1950	95,40%	4,60%
<i>Estudos</i>	1960	66,67%	33,33%
RBL	1970	63,86%	36,14%
CEL	1980	58,57%	41,43%
EL	1980	31,75%	68,25%
D.E.L.T.A	final 1980	38,77%	61,23%

Quadro 3: Distribuição de articulistas dos 6 periódicos analisados, organizados por gênero e por década, em porcentagem

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Altman (2004)

² Apesar dos avanços das teorias feministas sobre gênero como construção social (cf. BUTLER, 2020), esta pesquisa ainda considera o gênero de forma binária, ou seja, feminino ou masculino. Essa escolha metodológica é justificada pelo caráter da pesquisa (primeiro levantamento com essa abordagem sobre o tema) e também pelos materiais analisados que, especialmente nas primeiras décadas consideradas, não tratavam de forma abrangente tais questões. Em trabalhos futuros, o tema poderá ser abordado com a devida competência, incluindo também outros parâmetros, como raça e classe, para uma perspectiva interseccional (cf. COLLINS, 2013).

O que se pode observar, em uma primeira leitura destes dados, é o crescimento no número de publicações de textos de autoria feminina nos periódicos científicos de linguística, de 4,60% na *RBF*; 33,33% na década de 1960 na revista *Estudos* para 68,25% no final da década de 1980 na revista *D.E.L.T.A.* A população-alvo da nossa pesquisa é formada, portanto, por um grupo de mulheres nascidas entre as décadas de 1930 e 1940; que estudaram em Faculdades de Letras (Filologia) na década de 1950 e que se tornaram profissionais entre as décadas de 1960 e 1970, quando a disciplina de linguística foi oficialmente institucionalizada.

Os estudos preliminares e as análises que estamos realizando consideram todos os periódicos mencionados, contudo, para ilustrar a pesquisa em andamento, apresentaremos e discutiremos um trecho que mostra apenas os dados referentes à revista *Estudos Linguísticos*, um exemplo do surgimento do grupo socioprofissional dos(as) linguistas, e, como contraponto, a revista *D.E.L.T.A.*, cronologicamente o último periódico analisado. O critério de seleção foi traçar um contraste entre as duas décadas, o que nos permite observar a evolução desse grupo de mulheres ao longo do tempo. Com o mesmo objetivo, selecionamos para este texto apenas alguns dos parâmetros com base nos quais realizamos a análise.

3 DADOS ANALISADOS

3.1 DADOS "EXTERNOS"

A fim de ilustrar a análise do que chamamos de dados "externos", consideramos o contexto socioprofissional no qual o(a) pesquisador(a) realizou suas atividades (ou seja, o contexto imediato da produção de conhecimento nas ciências da linguagem). Analisamos aqui o número de homens e mulheres envolvidos(as) em atividades científicas e suas instituições, nos dois extremos de nosso período: 1960 e 1990. O contexto utilizado para a análise desses subconjuntos de dados e as possíveis correlações entre eles foi o cenário geral da população brasileira, a partir de dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No quadro 4, apresentamos os totais brutos, seguidos de uma breve análise³.

		População					
		Total	Urbana	Rural	Alfabetizada	Não Alfabetizada	
Década	1960	Total	70191370	31533681	38657689	31362783	27578971
		Mulheres	35131824	16343970	18787854	15000498	14600131
		Homens	35059546	15189711	19869835	16362285	12978840
	1970	Total	92341556	51774052	40567504	47864531	30718597
		Mulheres	46586897	26863376	19723521	23461863	16126464
		Homens	45754659	24910676	20843983	24402668	14592133
	1980	Total	119002706	80436409	38566297	69703993	32731347
		Mulheres	59879345	41208369	18670976	34862490	16830488
		Homens	59123361	39228040	19895321	34841503	15900859
	1990	Total	146825475	110990990	35834485	97535783	32768578
		Mulheres	74340353	57136734	17203619	49983746	16215143
		Homens	72485122	53854256	18630866	47552037	16553435

Quadro 4: Levantamento de homens/mulheres da população brasileira, por número de pessoas urbanizadas e número de alfabetizadas, em 1960 e 1990

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em IBGE (1951; 1953; 1965; 1970; 1983; 1984 e 1992)

³ Para as análises, tivemos o auxílio de um profissional da área de estatística.

Comparando os dados dos anos de 1960 e 1990, as análises apontam para um crescimento de 109,18% na população total, com um crescimento de 251,98% na população urbana. Esse cenário confirma o violento processo de urbanização vivido pela população brasileira em geral, devido aos processos de industrialização dos anos 1960 que se aceleraram, provocando um forte êxodo rural acentuado ao longo das décadas.

Por um lado, a população brasileira alfabetizada teve um aumento de 210,99% em relação ao total; com a diferença de que o subgrupo de mulheres teve um aumento na alfabetização de 233,21%, enquanto no subgrupo de homens aumentou em 190,62%. Concluiu-se que a população alfabetizada aumentou quase 2,11 vezes. Além disso, a taxa de crescimento proporcional diminuiu ao longo das décadas, mas, nesse cenário, as mulheres apresentaram um crescimento médio 6,66% maior do que os homens.

Por outro lado, a população analfabeta teve um crescimento total de 18,82%. O subgrupo feminino apresentou um aumento de 11,06% na população analfabeta feminina e o subgrupo masculino apresentou um aumento de 27,54% na população analfabeta masculina. Assim, a população analfabeta apresentou um crescimento de quase 20%, com uma diminuição significativa da taxa de crescimento proporcional ao longo das décadas, aproximando-se de zero, sendo que o crescimento das mulheres foi, em média, 0,79% maior do que o dos homens.

O contexto utilizado para a análise desses subconjuntos de dados e as possíveis correlações entre eles foi o cenário geral da população brasileira, a partir de dados fornecidos pelo IBGE (1951; 1953; 1965; 1970; 1983; 1984 e 1992), tais como: a população de homens e mulheres por grau de escolaridade, a população de homens e mulheres com ensino superior completo, a população de homens e mulheres por seus rendimentos medidos em salários mínimos.

Na literatura sobre o tema, a urbanização está correlacionada a novas ofertas de emprego; novas escolas/aumento da demanda por professores(as); profissionalização das mulheres no magistério (atenção, essa não é uma relação de causa e efeito, mas movimentos convergentes que podemos correlacionar). Ao longo do tempo, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho continua crescendo significativamente, juntamente com o nível de escolaridade, como mostra o quadro 5, a seguir:

Nível/Grau escolar	1970	1980	1990	2000	2009
Educação infantil	—	—	—	48,9	47,3
Ensino fundamental (primeiro grau)	49,2	50,1	50,8	49,1	48,0
Ensino médio (segundo grau)	50,7	53,4	56,8	54,6	54,6
Ensino superior	42,4*	49,2	52,3*	56,5	56,9
Mestrado e doutorado	—	46,0	—	52,0	58,0

Quadro 5: Porcentagem de mulheres entre os(as) estudantes da população de cinco anos ou mais, por ano e nível de educação. Brasil

Fonte: Elaboração das autoras com base em Pinsky e Pedro (2018, p. 350)

Entre outros fatores, os dados mostram um aumento da população feminina com ensino superior (incluindo mestrado e doutorado, de acordo com as autoras): de 42,4%, em 1960, para 52,3%, em 1990. O processo de redemocratização do país, consubstanciado na Constituição de 1988, teve influência direta na rearticulação de vários movimentos sociais, inclusive os movimentos feministas, que buscaram consolidar suas demandas por meio da reconstrução do próprio conceito de cidadania. Em nível institucional, vários órgãos governamentais foram criados para atender às demandas das mulheres, que também passaram a assumir cada vez mais posições políticas.

Desde a década de 1970, na educação brasileira "[...] meninos e rapazes tendem a seguir, preferencialmente, trajetórias escolares com conteúdos tecnológicos e de ciências exatas; meninas e moças são orientadas para Ciências Humanas, Letras e Magistério" (ROSEMBERG, 2019, p. 352). Ainda de acordo com a autora, "[...] as etapas iniciais da educação brasileira – as menos valorizadas em termos de custo do aluno e de salário pago ao professor – são as que mais necessitam de um corpo docente maior que acolha generosamente as mulheres" (ROSEMBERG, 2019, p. 355), conforme o quadro 6 da autora, apresentado a seguir:

Nível de ensino	1980	1991	2003	2009
Magistério (total)	86,6	85,4	83,5	81,1
Educação infantil	99,0	96,1	95,9	94,4
Ensino fundamental 1º grau (1ª a 4ª)	96,2	93,5	89,6	90,4
Ensino fundamental 1º grau (5ª a 8ª)	85,7	85,7	89,0	87,3
Ensino médio / 2º grau	70,4	73,2	70,3	66,6
Ensino superior	42,2	45,4	49,2	45,7

Quadro 6: Porcentagem de mulheres entre os professores por ano e nível de formação

Fonte: Censos demográficos e Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD). (ROSEMBERG, 2019, p. 356)

3.2 DADOS "INTERNOS"

Como afirmamos anteriormente, para delinear as hipóteses de pesquisa, este texto procura colocar em diálogo os parâmetros externos – o contexto de produção científica – com os parâmetros internos – a orientação e o recorte da pesquisa, por exemplo –, conforme propõe a Historiografia Linguística. Essa metodologia inicia o rastreamento de semelhanças e diferenças entre os textos dos articulistas homens e os textos das articulistas mulheres de cada período e pode indicar processos que serão investigados posteriormente, na verticalização das análises.

A orientação predominante dos textos femininos e masculinos publicados na revista *Estudos Linguísticos* foi classificada por Altman (2004, p. 347) entre gramatical e metateórica (com e sem dados naturais). De um lado, a orientação gramatical se refere ao estudo das estruturas linguísticas (unidades, categorias, relações etc.) e compreende 33,33% do total; de outro, a orientação metateórica busca teorizar sobre a própria teoria, envolvendo postulados e princípios a serem debatidos, e corresponde a 66,67% do total de artigos publicados, de acordo com as figuras 1 e 2:

Produção dos articulistas homens que publicaram na *Estudos Linguísticos* (1966-1968) pelo tipo de recorte e orientação predominante

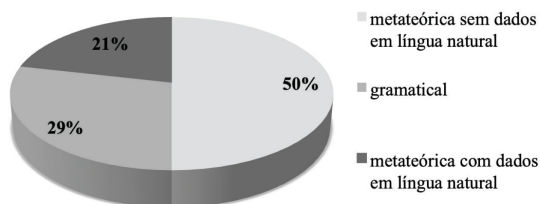


Figura 1: Articulistas homens *Estudos Linguísticos*

Fonte: Elaborada pelas autoras

Produção das articulistas mulheres que publicaram na *Estudos Linguísticos* (1966-1968) pelo tipo de recorte e orientação predominante

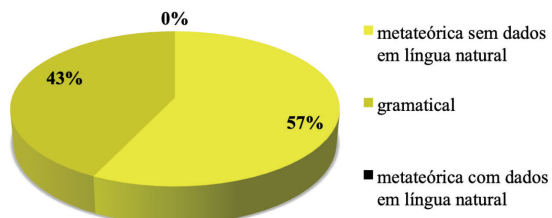


Figura 2: Articulistas mulheres *Estudos Linguísticos*

Fonte: Elaborada pelas autoras

É possível, a partir dos dados, perceber que a diminuição do número de artigos com orientação gramatical na revista *Estudos Linguísticos* também acompanha a redução do número de textos de articulistas mulheres, conforme os quadros 7 e 8 apresentados a seguir:

		Articulist ^{as}	
		Homens	Mulheres
Ano	1966	45,45%	54,55%
	1967	66,66%	33,34%
	1968	75%	25%

Quadro 7: Articulist^{as} *Estudos Linguísticos* por ano de publicação

Fonte: Elaborado pelas autoras

		Orientaç ^{ão}	
		Gramatical	Metateórica
Ano	1966	54,55%	45,45%
	1967	0%	100%
	1968	25%	75%

Quadro 8: Orientaç^{ão} dos artigos da *Estudos Linguísticos* por ano de publicação

Fonte: Elaborado pelas autoras

Nos seis volumes publicados na *Estudos Linguísticos* – dois em cada ano: 1966, 1967 e 1968 – há uma tendência crescente para uma orientação metateórica, o que reforça que a tarefa dessa primeira geração de articulistas era “[...] destituir do ensino de línguas de sua vocação historicizante, literária, prescritiva” (ALTMAN, 2004, p. 268). A década de 1970 explicitou, segundo a pesquisadora, “a polarização entre linguistas, de um lado, e filólogos, de outro (incluindo dialetólogos e gramáticos)” (ALTMAN, 2004, p. 269-270).

Por contingências históricas e sociais, mas também pelo próprio desenvolvimento da linguística, que se consolidava no Brasil como ciência, reforçado pela política editorial da revista, parece haver um necessário distanciamento da filologia. Nessa direção, os dados analisados também apontam, naquele momento, para um afastamento das pesquisas voltadas para a gramática, que, por várias razões, incluíam a maioria dos textos de articulistas mulheres da época. No material que analisamos, é notável que a trajetória desde professor(a) (de línguas) a pesquisador(a) (de LE) tenha se ampliado. Essa é uma entrada em um mundo até então essencialmente masculino. Apresentamos duas hipóteses para explicar o número crescente de mulheres pesquisadoras.

- A primeira hipótese sugere uma interpretação mais incisiva deste campo: entrar em um universo masculino de estudo e trabalho científico exige outras habilidades e práticas diferentes daquelas normalmente atribuídas às mulheres; de modo que elas enfrentam todo esse processo e finalmente se impõem. Esse seria o caso da mulher heroica. Nossa historiografia, nesse sentido, poderia muito bem assumir a forma de uma lista de heroínas vitoriosas.
- A segunda hipótese nos levaria a uma interpretação mais moderada: elas ingressam no curso de Letras, lecionam, interessam-se pelo trabalho científico que lhes é apresentado, mas não rompem com os valores masculinos “tradicionais”, pelo contrário, incorporam-nos e acomodam-se a eles.

Já tivemos a oportunidade de demonstrar detalhadamente em pesquisas anteriores (cf. ALTMAN, 2014, 2016, 2018) a inversão existente entre as orientações diacrônica e sincrônica no estudo dos objetos linguísticos no momento da institucionalização da linguística no Brasil, em 1962. A ascensão institucional de um grupo de linguistas em oposição aos filólogos tem como divisor de águas, entre outros fatores, justamente a subversão quase radical entre duas orientações: a histórica (associada à filologia) e a gramatical (entendida aqui como descrição sincrônica); e dado o grande número de artigos escritos por homens e mulheres dedicados a questões metateóricas, reforçamos a interpretação de que: a) novas teorias e novas metodologias descritivas de trabalho estavam sendo propostas por homens; b) as questões teóricas propostas por mulheres estavam relacionadas ao ensino de línguas⁴.

É importante observar a relevância de não confundir o científico com o teórico. A linguística aplicada também reivindicará seu próprio estatuto científico ao longo do tempo. No primeiro texto do primeiro número da revista *Estudos Linguísticos*, intitulado *As*

⁴ Os títulos de alguns artigos da época reforçam a interpretação da divisão global entre linguistas teóricos/homens e linguistas aplicadas/mulheres: V. Rodrigues, Aryon D. EL 1.1: 4-15, 1966 (*Tarefas da Linguística no Brasil*); Levi-Mattoso, Margot. EL 1.1: 34-36, 1966 (*An Experience with a Language Laboratory in a Brazilian High School*); Horta, Maria Leonor S. e Graziani, Lisette B. EL 1.2: 51-62, 1966 (*Some problems with the countables and uncountables in English usage*); Back, Eurico. EL 2.1/2: 1-13, 1967 (*Linguística teórica*); Contreras, Heles. 2.1/2: 39-42, 1967 (*A gramática Gerativo transformacional e a Linguística Aplicada*); Lastra, Yolanda. EL 2.1/2: 14-38, 1967 (*Linguistics and Literacy in Ibero-America and the Caribbean*); Cintra, Geraldo. 2.1/2: 57-63, 1967 (*O Laboratório de línguas: mito e realidade*); Wieseman, Ursula. 2.1/2: 64-68, 1967 (*A fonologia no ensino das línguas estrangeiras*); Naro, Anthony. EL 3.1/2: 18-36, 1968 (*Para o Estudo da Gramática Transformacional*); Froehlich, Paulo. EL 3.1/2: 37-52, 1968 (*Novos rumos da Sincronia e da Diacronia*).

tarefas da lingüística, Aryon D. Rodrigues (1966) já comenta, em linhas gerais, essa diferença que parece marcar a lingüística brasileira ao longo de seu desenvolvimento.

Quem faz lingüística pura faz lingüística em e por si, para descobrir como são as línguas, qual a natureza de cada idioma em particular, quais são as características gerais das línguas e do fenômeno da linguagem. Quem faz lingüística aplicada faz uso desses conhecimentos em atividades práticas como o ensino de línguas, a resolução de problemas de tradução automática ou de alfabetização, a análise de estilos literários e de documentos arcaicos, etc. (RODRIGUES, 1966, p. 4).

Em geral, notamos a entrada da descrição gramatical, fonológica e morfológica, sincrônica, como objeto teórico (sem sintaxe, sem texto; o léxico entra apenas como objeto de estudos estatísticos, cf. francês fundamental, português fundamental); além de uma forte teorização, ou seja, a apresentação de novas teorias e novas metodologias de pesquisa e ensino (ALTMAN, 2004, p.179). Nesse contexto, a lingüística brasileira era uma lingüística de recepção que, em geral, não estava disposta a "[...] contribuir para o progresso qualitativo – teórico e metodológico – da lingüística como um todo" (COSERIU, 1976, p. 29), fato que Altman (2004, p. 129) aponta, ressaltando também, sob sua perspectiva, a assimetria em relação aos que eram considerados os "[...] centros acadêmicos mais importantes".

Essa característica se tornará mais evidente a partir da década de 1970, com a *RBL*, mas aqui já antecipamos (considerando os dados como um todo) a tendência de excluir a orientação histórica ou diacrônica, a etimologia, a semântica "interpretativa", não por decisão de uma política editorial, mas como reflexo de um conjunto de "novos" valores científicos presentes no contexto acadêmico imediato (masculino) desses pesquisadores: tecnicismo, formalismo, metalinguagem lógico-matemática e automação, típicos de carreiras masculinas (matemática, estatística, engenharia). Dessa forma, as questões das ciências exatas, *hardcore*, estão relacionadas às habilidades cognitivas atribuídas, nesse contexto, aos homens e às carreiras masculinas. Os estudos lingüísticos e humanísticos em geral, incluindo as literaturas, dão um lugar de prestígio a uma ciência lingüística formal e "dura", que as pesquisadoras de nosso estudo endossam, pois elas também destacam-se no campo ao se engajarem neste direcionamento científico. Acreditamos que essa seja uma característica relevante dessa primeira geração "heroica" de mulheres: elas não se dissociam dos valores masculinos (científicos), pelo contrário, elas os incorporam, como o ilustra o exemplo:

"[...] na verdade não fui eu que escolhi, a minha vocação era matemática, eu queria fazer matemática. Aí meu pai falou: não, mulher vai pra Letras. Então eu fui fazer Letras [...] mas essa minha vocação [matemática] ficou latente [...]" [Dermeval da Hora] "Mas a matemática tem tudo a ver com o que você faz, né? Chomsky é um matemático [...]" (KATO *apud* LÍNGUA PORTUGUESA, 2021)

Diz-se que a institucionalização da lingüística, em vários países, foi desenvolvida por homens porque, entre outros fatores, eles ocupavam os mais altos cargos acadêmicos da época. A inserção tardia das mulheres no campo da lingüística parece ter influenciado a incorporação de esquemas masculinos ou "masculinizantes". Nas décadas de 1960 e 1970, Napoli (*apud* AYRES-BENNETT; SANSON, 2020 p. 5, tradução nossa) observou que houve "[...] um florescimento de um tipo particular de Lingüística liderado por Chomsky", definido por ela como uma lingüística descritiva, sincrônica e gerativa e que, em sua opinião, "[...] permitiu que as mulheres se destacassem no campo da lingüística como nunca antes" (*apud* AYRES-BENNETT; SANSON, 2020 p. 5, tradução nossa).

Por outro lado, na década de 1990, na *D.E.L.T.A.*, a orientação gramatical reaparece, com ênfase na taxa de 35% para a produção das articulistas mulheres. Os artigos de autoria masculina permanecem com o maior índice relacionado à orientação metateórica: 44% e com uma baixa porcentagem deles na produção gramatical: apenas 5%.

Uma possibilidade de interpretar os dados está na divisão do mundo do conhecimento entre temas mais masculinos, "teóricos e abstratos" e temas mais femininos, "mais concretos". Essa abordagem é reproduzida pelos(as) lingüistas "dentro" do campo das ciências da linguagem. Essa hipótese pode ser reforçada pelos gráficos, uma vez que, embora com uma orientação metateórica, as mulheres usam um pouco mais de dados de linguagem natural em seus artigos: 17% em comparação com 11% dos articulistas homens:

Produção das articulistas mulheres que publicaram na *D.E.L.T.A.* (1985-1988) pelo tipo de recorte e orientação predominante

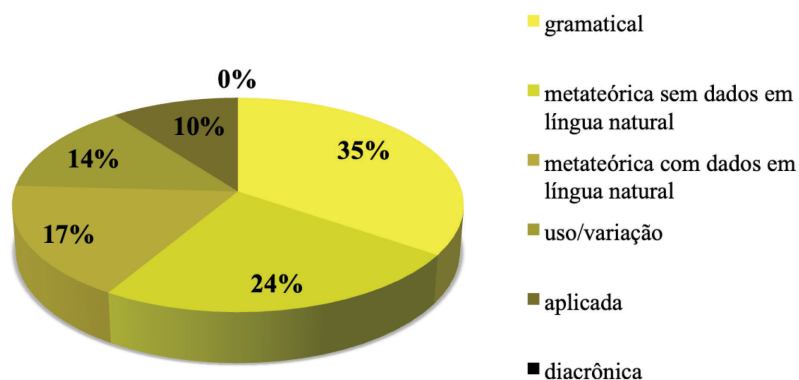


Figura 3: Articulistas mulheres *D.E.L.T.A.*

Fonte: Elaborada pelas autoras

Produção dos articulistas homens que publicaram na *D.E.L.T.A.* (1985-1988) pelo tipo de recorte e orientação predominante

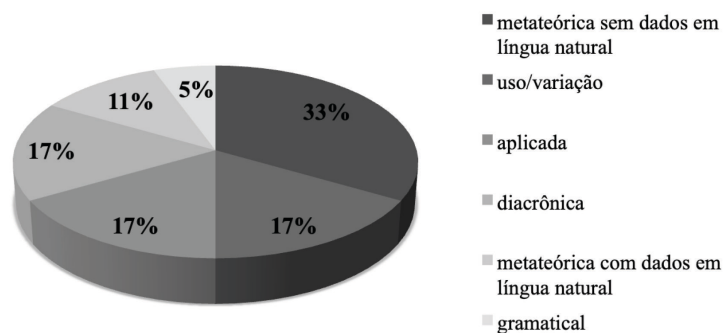


Figura 4: Articulistas homens *D.E.L.T.A.*

Fonte: Elaborada pelas autoras

Esse mesmo movimento pode ser observado dentro do próprio curso de Letras: ao mesmo tempo em que se dedicavam ao ensino (que era autorizado), as mulheres buscavam arcabouços teóricos e temas de pesquisa mais técnicos, com metalinguagem formalizada, com instrumentos analíticos automáticos, computadorizados, experimentais (estamos no "clima" intelectual da linguística como ciência-piloto). Esse é o lado *hard* da ciência da linguagem, que a aproxima de uma ciência "feita por homens" e que atrai o emergente corpo profissional feminino da época.

As linguistas de fato, ou ainda em formação, reproduzem esses valores: elas se orgulham de desenvolver sua vocação científica "masculina", disfarçadas de mulheres de letras ou de professoras. Essa hipótese está ancorada em várias pesquisas que confirmam o fato de que

[...] quanto mais masculina uma mulher aparenta ser, mais ela despertará aversão. Mas também é verdade que quanto mais uma mulher é percebida como tal, menor a probabilidade de ser considerada profissionalmente competente (Heilman 1980; Heilman & Stopeck 1985). As qualidades exigidas dos líderes e as exigidas da feminilidade estão em contraste (VALIAN, 1999, p. 136, tradução nossa).

A percepção de uma linguística *mais teórica* e de uma linguística *mais aplicada* marcou a linguística brasileira e, ao se desenvolver assimetricamente, dominou a visão de que a aplicação da linguística é secundária (ALTMAN, 1994, p. 400), fato que ainda marca alguns círculos acadêmicos até hoje. A linguística aplicada parece ser caracterizada por uma orientação gramatical, uma orientação metateórica com dados de linguagem natural e, é claro, uma orientação aplicada, que, juntas, representam 62% dos textos de autoria feminina e 33% dos textos de autoria masculina – como mostram as figuras 3 e 4 apresentadas anteriormente. Dessa maneira, a divisão entre linguística teórica e aplicada parece marcar, ainda mais na década de 1990 com os dados do periódico *D.E.L.T.A.* analisados, também a possibilidade de uma leitura e interpretação de gênero da Historiografia Linguística.

4 CONCLUSÃO

Temos um longo caminho a descrever e analisar: o ponto de partida nesse contexto de reorganização social decorrente da industrialização e da urbanização é a entrada gradual de novos parâmetros e valores de desempenho masculino/feminino. À medida que a atuação feminina fora de casa começa a tomar forma, surgem novos impedimentos (e negociações). O trabalho externo passa a ser, portanto, permitido e tolerado em profissões que reforçam esses valores "tradicionais", como o ensino ou a enfermagem. Nesse contexto, o(a) estudante de Letras segue principalmente o comportamento estabelecido – não examinamos aqui outras características relevantes desse período, como a desigualdade social e, do ponto de vista sociolinguístico, as variantes dialetais sociais. Além disso, há a identificação com um conjunto de "novos" valores, uma vez que há participação feminina em um grupo de "cientistas emergentes" na década de 1960, representado aqui pelas articulistas da *Estudos Linguísticos*. Essa "linguista" não ingressa no curso de Letras como sua primeira escolha, mas sim como uma mulher que, em diferentes graus, desejava seguir outras carreiras que lhes eram proibidas por suas famílias por não serem carreiras "femininas". O excerto abaixo o ilustra.

A graduação que eu queria fazer era em química. A minha matéria predileta no curso secundário era química. Ai meus pais [...] já tinha um químico na família, e ele me disse que química não era profissão de mulher [...] por causa de laboratório [e coisas assim]. (LEMLE, apud LING TUBE, 2015)

Nossa conclusão provisória é que a geração heroica (década de 1960), que se lança em atividades científicas, molda o conhecimento produzido mais por sua adesão a um conjunto de valores "masculinos" do que por sua especificidade feminina. Na época, "[...] o status socioprofissional e científico que legitimava o trabalho dos pesquisadores dedicados a questões linguísticas era o de filólogo" (ALTMAN, 1994, p. 391). Assim, foram eles que apresentaram o programa de pesquisa em linguística aos seus estudantes (homens e mulheres) de Letras nas décadas seguintes (neste texto, analisamos principalmente 1990), que puderam desenvolver suas pesquisas explorando outras orientações, período em que haveria a possibilidade de consolidar uma reflexão sobre a perspectiva feminina no desenvolvimento da linguística brasileira.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C.; LOURENÇO, J. *Feminino em Historiografia Linguística: Américas*. Vol. 1. Campinas: Pontes Editores, 2023.

ALTMAN, C. (coord.). *Em primeira pessoa do singular e outras crônicas*. Projeto de pesquisa. Centro de Documentação em Historiografia Linguística, Universidade de São Paulo (CEDOCH-USP), 2020. Disponível em: <https://cedoch.fllch.usp.br/projetos> Acesso: 03 out. 2023.

ALTMAN, C. Filologia e linguística brasileiras, mais uma vez. In: COELHO, O. (org.). *A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2018)*. Memória, Estudos. São Paulo: Pontes, 2018. p. 43-64.

ALTMAN, C. Saussure e o (Des)encontro de duas Gerações Acadêmicas no Brasil. *Signo y Señá* - Revista del Instituto de Lingüística, v. 30, p. 3-21, 2016.

ALTMAN, C. O Pêndulo de Foucault: primeiro movimento. Diacronia e sincronia no estudo do Português do Brasil. *XIII International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS)*. UTAD – Vila Real, Portugal, 25-29 Agosto, 2014.

ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as letras*. São Paulo: Mackenzie, v.14 n.1, 2012.

ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 2004.

ALTMAN, C. Trinta anos de Linguística brasileira. Movimentos de afirmação e auto-afirmação profissional. *D.E.L.T.A*, v. 10, n. 2, p. 389-408, 1994.

AYRES-BENNETT, W.; SANSON, H. *Women in the History of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Censo da Educação Superior 2017*. Notas Estatísticas. Brasília, Setembro de 2018. Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Evolução do Ensino Superior – Graduação 1980-1988*. Brasília, 2000. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao_1980-1998.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CÂMARA Jr., J. M. Resenha de Algumas tendências e perspectivas da linguística moderna, de Paiva Boleo. *Estudos Linguísticos - Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, n. 1, v. 1, p. 11-12, 1966.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Natália Luchini. *Seminário Teoria Feminista*. São Paulo: Cebrap. 2013 [1990].

COSERIU, E. Perspectivas Gerais. Trad. de Marilda Winkler Averburg do original em inglês. General Perspectives. Current trends in linguistics, V.4 (seleção de textos). In: NARO, A. J. (org.). *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, p. 11-44, [1968] 1976.

FALK, J. *Women, Language and Linguistics: Three American Stories from the First Half of the Twentieth Century*. London: Routledge, 1999.

HARDING, S. Rethinking Standpoint Epistemology: What is Strong Objectivity? In: ALCOFF, L; POTTER, E. (orgs.). *Feminist Epistemologies*. New York/London: Routledge, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *VI Recenseamento Geral do Brasil*. Censo Demográfico (1º julho de 1950). Rio de Janeiro, 1951. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_rj.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *VI Recenseamento Geral do Brasil*. Censo Demográfico (1º julho de 1950). Estado de São Paulo. Seleção dos principais dados. Rio de Janeiro, 1953. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_sp.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *VII Recenseamento Geral do Brasil - 1960*. Censo Demográfico. Resultados preliminares. Série Especial. Volume II. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv84480.pdf> Acesso em: 03 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *VIII Recenseamento Geral do Brasil*. Censo Demográfico. Resultados preliminares. Série Especial. Volume II. Rio de Janeiro, 1970. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc55.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980*. Volume 1 - Tomo 4 - Número 18. Censo Demográfico. Dados gerais - Migração - Instrução - Fecundidade - Mortalidade. Rio de Janeiro, 1983. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n18_rj.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980*. Volume 1 - Tomo 4 - Número 19. Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n19_sp.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 1991*. Resultados preliminares. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv22894.pdf> Acesso em: 03 out. 2023.

KATZ, M. Introduction. In: KATZ, M (ed.) *The Philosophy of Linguistics*. Oxford: University Press, 1985. p. 1-16.

LING TUBE. Entrevista de Miriam Lemle para Isabella Pederneira. 1 vídeo (41 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8KuxazDIFy8> Acesso: 03 out. 2023.

LÍNGUA PORTUGUESA: a última flor do Lácio. Entrevista de Mary Kato para Demerval da Hora 2021. 1 vídeo (107 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EVTikhNkp9w> Acesso em: 03 out. 2023.

LOURENÇO, J. *Contrastes na Historiografia Linguística: a evidência do feminino*. Projeto de pesquisa de Pós-Doutorado. Supervisora: Cristina Altman. Centro de Documentação em Historiografia Linguística/Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL-USP). 2022.

RODRIGUES, A. D. As Tarefas da Linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

ROSEMBERG, F. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 333-359.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, L. L.; PITANGUY, J. (org.). *O progresso das mulheres no Brasil - 2003-2010*. Rio de Janeiro: CEPIA. Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 391- 434.

VALIAN, V. *Why so slow? The advancement of women*. Massachussets: MIT Press, 1999.



Recebido em 19/06/2023. Aceito em 10/09/2023.